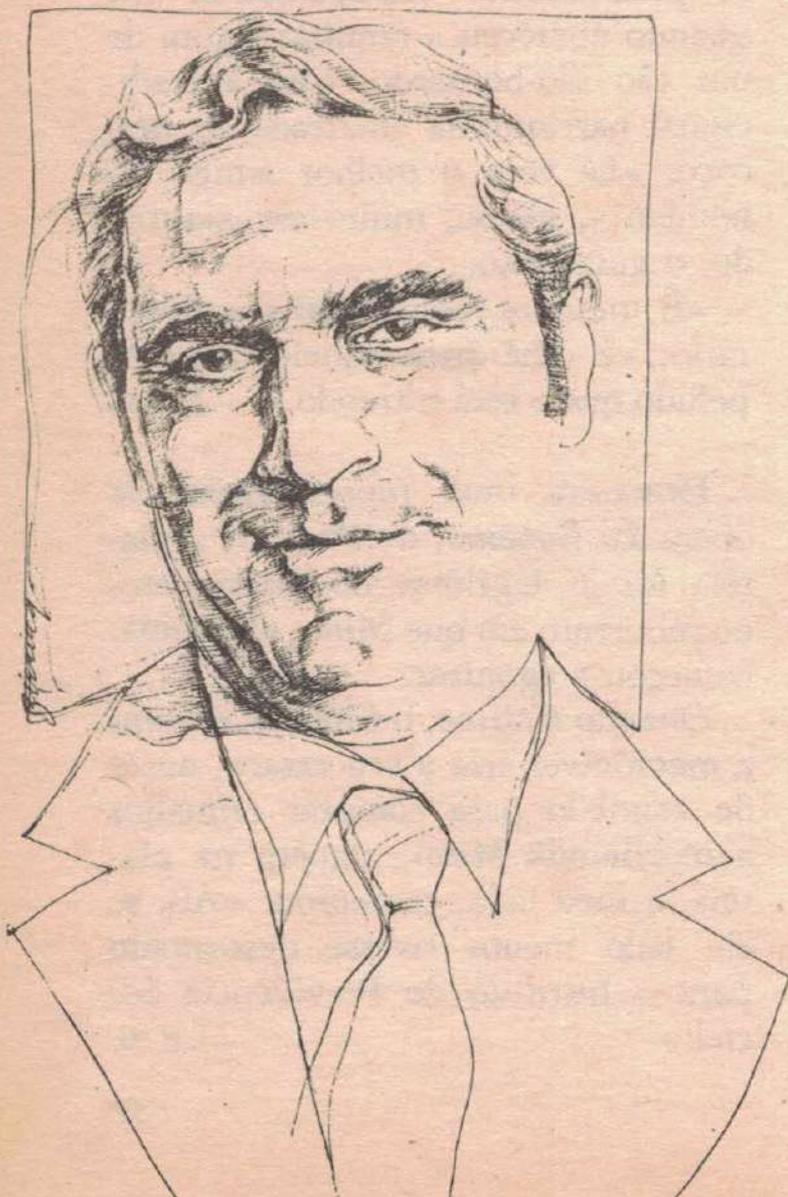


*Ele tinha prendido os dois homens por assassinio, tinha ajudado a condená-los, mas estava convencido de que eram inocentes; agora tinha de provar isso*

# A caçada solitária do detetive Iannuccilli

JOSEPH P. BLANK



**A**LGO estava errado. O detetive Philip Iannuccilli, de 41 anos, atarracado, de cabelo preto, que tinha estado trabalhando no caso por 31 horas, sem descanso, sentiu que nem tudo estava bem. Entregou uma fotografia ao Tenente Angelo Galante, chefe dos detetives do Esquadrão 71.º, no Brooklyn, Nova York, e disse: «A testemunha acha que este Glen Darien aqui é um dos assassinos. Não estou gostando disso.»

«Não está gostando de quê?», perguntou o tenente.

«A testemunha é boa demais», disse Iannuccilli. «O crime se deu por volta da meia-noite, e durou, talvez, um minuto. A luz era fraca, e a testemunha temia por sua vida; entretanto, o homem tem certeza absoluta quanto à aparência de dois dos três homens. Ele é tão positivo que custa a acreditar.»

Galante tivera um longo dia de trabalho. «Não combata uma boa testemunha só porque ela é rara», respondeu o tenente, e concluiu: «Por que não vai descansar?»

Dirigindo o carro para casa, Iannuccilli recapitulou o caso. À meia-noite e meia do dia 14 de agosto de 1971, a

delegacia recebeu um telefonema: uma mulher negra fora alvejada a tiro, em Lincoln Terrace Park, e morrera ao chegar ao Hospital Brookdale. Iannuccilli investigou. A vítima era Germaine Phillips, de 21 anos, universitária, e andava passeando no parque com Alberto Greene, de 22 anos, caixeiro de uma livraria, em Manhattan. Foram abordados por três rapazes que exigiram dinheiro, disse Greene ao detetive. Um dos homens tinha um revólver, outro uma faca. Greene segurou a mão de Germaine e começou a correr, puxando-a com ele, contou. Então, ouviu um tiro; ela gritou, e os homens correram.

«O homem do revólver tinha cerca de 24 anos», disse Greene, «1,65 m de altura, 66 quilos, musculoso; usava chapéu branco de aba estreita, camisa-de-meia branca, camisa azul de mangas curtas, calças azul-claro; pele morena, sotaque das Antilhas.

«O homem da faca era negro, com cerca de 22 anos, 1,75 m de altura, 59 quilos; vestia um suéter bege de mangas compridas e calças de brim azul.

«O terceiro era um negro, de uns 20 anos, possivelmente com cabelo trançado, sem armas à vista.»

Iannuccilli fez Greene examinar atentamente milhares de fotografias de rostos, mas ele não reconheceu nenhum dos homens. O crime, cometido a sangue-frio, deu uma idéia a Iannuccilli. Telefonou para a delegacia mais próxima, e pediu: «Querem mandar todas as fotografias que tiverem dos Rastas?»

Os Ras Tafari, conhecidos como os Rastas, eram um grupo político-reli-

gioso do Brooklyn, composto de jovens da Jamaica. Seus componentes adoravam Hailé Selassié, considerando-o descendente direto de Deus, e odiavam os sistemas políticos da Jamaica e dos Estados Unidos. Poucos deles tinham emprego; assaltavam e assassinavam pessoas, sem a menor provocação, e ameaçavam de morte quem cooperasse com a polícia.

Greene examinou as fotografias, e parou numa de Glen Darien, de 18 anos. «Este parece com o que estava de faca», disse ele.

Depois que Iannuccilli foi para casa, Galante mandou prender Darien, e o colocou em fila com quatro outros pretos, para Greene observar; depois, telefonou ao detetive. «Greene apontou Darien na fila», informou Galante. «Identificação positiva.»

Iannuccilli voltou para interrogar Darien. Este não tinha um álibi que pudesse resistir a um interrogatório. «Você foi identificado positivamente», disse-lhe Iannuccilli, em tom calmo. «Mesmo que não tenha puxado o gatilho, pode passar o resto de sua vida na prisão. Tem alguma coisa mais para dizer? A cooperação poderia ser levada em conta, no seu caso.»

Houve um longo silêncio. «Sei o que aconteceu», disse Darien, hesitante, «mas eu não estava nisto. Por volta das nove horas da manhã de ontem (a manhã do assassinio), me encontrei com um camarada chamado Georgie. Ele me contou que tinha ido ao Lincoln Terrace Park para roubar alguém. Então, viu um sujeito com uma moça, e ordenou: «Esvazie os bolsos.» O sujeito respondeu: «Tem de

me matar primeiro.» Georgie disse que apontou o revólver para o sujeito, e que este puxou a moça para ele, e foi assim que ela recebeu o tiro. Não sei de nada, só sei que Georgie mora num apartamento dos Rastas na Avenida Rogers.»

Darien foi detido sem fiança. Iannuccilli localizou o apartamento da Avenida Rogers através de um informante, que lhe disse que Georgie existia de fato. Durante quatro dias, Iannuccilli vigiou, contínua e sistematicamente, o edifício, sem ter tido sorte. Então, no quinto dia, viu vários homens através das janelas do apartamento. Munido de um mandado de busca, ele e dois companheiros deram uma minuciosa batida no local. Nenhum dos sete homens apanhados admitiu que fosse Georgie, mas, na busca, foram encontradas duas malas com maconha. Foi uma sorte, pois isso deu a Iannuccilli uma justificativa para deter temporariamente os homens. Greene foi à delegacia, e observou os sete através de um espelho transparente. «O terceiro a contar da esquerda», disse Greene, «foi quem atirou. Tenho certeza.» Era Rudolph Mills, de 17 anos.

O detetive levou Mills para uma sala reservada, e lhe perguntou se queria falar sobre o crime. «Sob uma condição», disse Mills. «Ninguém deve saber; sou um Rasta, e eles me matarão se pensarem que os denunciei.» Iannuccilli prometeu segredo.

«Na noite dos tiros, dormi no apartamento da Avenida Rogers», contou Mills. «Três camaradas saíram do apartamento, para arranjar algum di-

nheiro no parque. Georgie estava com o revólver, Gargo com a faca; o terceiro era Paul. Depois do tiroteio, eles voltaram sem fôlego e me contaram o que acontecera.»

«O Paul Robinson, na fila dos Rastas, era Paul?», indagou Iannuccilli.

«Era», disse Mills, «esse mesmo.»

Greene não pôde identificar Robinson como o terceiro homem, e Robinson, de 16 anos, manteve um silêncio profundo, arrogante.

Depois de fichar Mills, Iannuccilli recapitulou o caso com Galante; ainda não se sentia seguro com o testemunho. «Acho que Darien e Mills podem estar dizendo a verdade», admitiu ele. «Penso que Greene deve estar enganado. Quero encontrar esse Georgie.»

«Que diabo espera você que Darien e Mills façam?», perguntou Galante. «Que confessem um assassinio doloso?» Ele se esticou na cadeira. «Oh, está bem. Prossiga e encontre Georgie, se ele existir.»

O detetive começou a averiguar, freqüentemente entre outras investigações, mas, cada vez mais, nas horas de folga. Um dos Rastas, que era amigo íntimo de Darien, concordou em ajudar. Iannuccilli o seguiu durante horas e dias, pelas ruas, mas Georgie não estava nas ruas. Em oito ocasiões, o informante telefonou para o detetive, e lhe disse que passaria em determinada esquina com Georgie, mas este nunca apareceu. Iannuccilli interrogou lojistas, donos de bar, viciados, prostitutas, escroques, liberados condicionalmente. Ouviu diversas vezes: «Você prendeu os dois homens

errados.» No entanto, ao mencionar o nome de Georgie, as pessoas ficavam mudas de medo.

Como outros detetives, Iannuccilli investigava uma dúzia de casos ao mesmo tempo, falando com centenas de pessoas por semana. Sempre terminava suas entrevistas com a mesma pergunta: «O nome Georgie significa alguma coisa para você?» Finalmente, um rapaz lhe disse: «Sim, eu conheço esse sujeito. Lembro-me até que foi preso uma vez em Canarsie por roubar carne de uma mercearia.»

Não era grande informação, mas o detetive foi à delegacia de Canarsie, no Brooklyn. Ninguém sabia nada a respeito de Georgie. Nos dez dias seguintes, Iannuccilli examinou sistematicamente milhares de processos de prisão, nos arquivos de Canarsie. Finalmente, deu com os olhos num processo que fez quebrar a rotina. «Sexo masculino... negro... 21 anos... residência: Avenida Sutter 261... natural da Jamaica, Antilhas Britânicas... preso por roubar carne enlatada de uma mercearia.» Porém o nome não era Georgie; era Glenford Jackson.

Iannuccilli interrogou todos os moradores do edifício da Avenida Sutter sobre os dois nomes. Uma moça de 17 anos disse-lhe que tinha saído uma vez com um tal de Georgie, mas não o via há meses. Iannuccilli foi ao Departamento de Identificação Criminal, esperando encontrar uma foto de Jackson. Não teve sorte. Telefonou para o Consulado da Jamaica, em Manhattan, e lhe disseram que solicitariam uma fotografia ao departamento de passaportes, na Jamaica.

Nas semanas seguintes, telefonou para o consulado 15 vezes, ouvindo sempre a mesma informação: «Desculpe, mas ainda não recebemos a resposta.»

Enquanto isso, ele não deixava Paul Robinson. Encontrou meios de dar com ele nas ruas. Telefonava-lhe repetidamente. Soubera que Robinson e Mills tinham sido muito amigos, de modo que falou sobre o horror de uma pessoa «segurar uma corda e não a jogar a um amigo que se afoga». Embora o detetive não soubesse, estava impressionando Robinson. O rapaz estava ficando agitado e estranho. Depois de sair da escola, passava mais tempo em casa do que nas ruas. Em diversas ocasiões, disse à mãe que Mills não atirara na moça, mas se recusava a dizer-lhe porque tinha tanta certeza.

Iannuccilli também se tornava agitado e estranho. O caso não lhe saía da cabeça. Colegas lhe diziam: «Pelo amor de Deus, Phil, por que não se livra dessa obsessão?» Em casa, ficava calado e impassível por longos períodos. Em 17 anos de casados, sua mulher nunca o vira tão abalado.

Em abril de 1972, oito meses depois do crime, Darien e Mills foram condenados por assassinio. Ninguém pôde contestar a identificação de Greene. Iannuccilli sentiu-se mal, pois ainda acreditava que Mills e Darien eram inocentes. Telefonou imediatamente para Robinson, a fim de informá-lo da condenação. Este ficou, inesperadamente, loquaz e cheio de perguntas. Que poderiam fazer os rapazes para provar sua inocência? Se eles eram inocentes, como puderam

ser condenados? Qual seria sua sentença? Pela primeira vez, o detetive sentiu que estava atingindo Robinson.

Então, poucos dias depois, o consulado da Jamaica enviou a Iannuccilli uma cópia da fotografia do passaporte de Glenford Jackson. O detetive olhou para ela surpreso. Mills e Jackson eram sócias. O testemunho de Greene era um caso de identificação errada por engano, mas honesta.

O detetive foi à casa de Robinson, apresentou-lhe um grupo de fotografias, e perguntou se a de Georgie estava entre elas. A mudança de expressão de Robinson indicou que Georgie era Glenford Jackson, mas ele respondeu: «Não é hábito de minha gente delatar.» Entretanto, acrescentou: «Aquele outro sujeito que você está procurando, Gargo, está morto. Morreu num assalto a mão armada.»

Depois de deixar Robinson, Iannuccilli começou a pensar: se Georgie parecia com Mills, poderia Gargo se assemelhar, ou ter se assemelhado a Darien? Poderia haver uma coisa assim tão incrível? Mas como descobrir algum fato a respeito de um homem, só com o apelido de Gargo e nenhuma outra identificação?

Seus informantes e conhecidos das ruas não tinham informações. Iannuccilli passou horas sem fim ao telefone, interrogando detetives em todas as delegacias de Nova York. Nada. Finalmente, soube que, a 8 de fevereiro, um homem negro, não identificado, que poderia ter se chamado Gargo, tinha sido morto numa tentativa de assalto em Manhattan.

Depois de verificar infrutiferamente as impressões digitais do homem morto, Iannuccilli pediu uma fotografia ao necrotério. Esta mostrava um cadáver, barbado, mas a barba poderia ter crescido depois da morte. Tanto o homem morto como Darien tinham pele muito escura, maçãs-do-rostro salientes, os mesmos traços fisionômicos em volta dos olhos.

Agora o tempo urgia. A 31 de maio (faltavam apenas dois dias), Mills e Darien seriam sentenciados. Iannuccilli correu ao promotor, mostrou as fotografias, repetiu os boatos sobre a inocência dos rapazes, e pediu que a repartição do promotor requeresse novo julgamento. «Não há como», respondeu o promotor. «Tudo o que temos são dois grupos de fotografias de sujeitos que se parecem, e isso não é base legal para novo julgamento.»

Iannuccilli sabia que Robinson era sua única esperança. Na manhã da sentença, chegou cedo ao tribunal e telefonou para Robinson. «Eu gostaria que viesse até aqui e olhasse algumas fotografias», disse o detetive.

«Não posso fazer isso», respondeu Robinson.

«Mills e Darien são seus amigos, e pensei que você gostaria de vê-los», insistiu Iannuccilli.

«Não vou poder chegar lá a tempo.»

«Eu acho, realmente, que você devia vir aqui», continuou Iannuccilli. «É aqui que tudo termina para eles.»

Robinson concordou. Quando ele apareceu, o detetive indicou um banco e lhe entregou as fotografias de Georgie e do homem morto. «Paul, por favor, me fale sobre estes dois homens»,

pediu o detetive. Robinson pegou as fotografias e olhou para o alto.

«Paul», insistiu Iannuccilli, «suponha que você seria o terceiro homem. Era culpado, é claro, mas seu advogado insistiria em que fosse levado em conta o fato de você não estar armado, e talvez considerasse outros fatores em sua defesa. Se você fosse o terceiro homem, seu depoimento podia salvar as vidas de seus amigos.

Robinson ficou em silêncio. Iannuccilli olhou para o chão, esperando.

De súbito, Robinson rompeu em soluços e começou a falar: «Eu estava com Georgie e Gargo na ocasião do crime; são os dois sujeitos das fotografias. Darien e Mills estão inocentes. Saí do apartamento da Avenida Rogers, sozinho, e estava me dirigindo para casa quando dei com Georgie e Gargo. Caminhamos pelo parque por algum tempo. Eu estava realmente me separando deles, quando pegaram aquele casal para um assalto a mão armada. Georgie atirou porque o camarada pôs a mão no bolso.»

A tensão dentro de Iannuccilli se partiu como uma corda retesada, e ele se sentiu inteiramente exausto. «Paul, você é um grande homem», suspirou o detetive.

A declaração de Robinson levou o tribunal a suspender a sentença de Darien e Mills. Foi iniciada uma busca

oficial de Georgie e, poucos dias depois, o Departamento de Identificação Criminal informou Iannuccilli de que Jackson tinha sido morto a tiros, no Brooklyn, por um assaltante desconhecido.

Com as mortes de Georgie e Gargo confirmadas, a investigação terminou. Numa audiência do tribunal sobre o processo, o Promotor Eugene Gold, do Brooklyn, elogiou Iannuccilli por «continuar a trabalhar no caso em suas horas de folga» e fazer «um trabalho policial fantástico». O tribunal anulou o veredicto de culpa contra Darien e Mills. Robinson foi julgado. O júri acreditou em que ele participou deliberadamente do assalto a mão armada, sabendo que os companheiros estavam armados. Foi considerado culpado de assassinio e condenado a 15 anos de prisão. Numa carta que escreveu à mãe, disse: «Livrar Bummy (Mills) e Glen da prisão talvez tenha sido a maior coisa que jamais fiz em minha vida.»

Iannuccilli não sentiu nenhum triunfo com a condenação de Robinson; apenas um grande alívio. Depois de longos meses de trabalho extra e solitário, havia finalmente libertado sua consciência oprimida, e salvo dois homens inocentes da coincidência de sua semelhança com criminosos, poupando-lhes muitos anos de prisão.



O **HOMEM** mais rico da aldeia era conhecido por sua extrema avareza. Uma vez, caiu no rio e começou a gritar por socorro. Um vizinho correu para ele e disse-lhe: «Dê-me a sua mão!» O homem não queria. Então, o vizinho gritou: «Pelo amor de Deus, tome a minha mão!» — e o afogado se salvou.